



GONÇALVES-PENNA, M. de M. O signo em Bakhtin e o círculo. Ensaio. **Revista Diálogos**. Outros dizeres, v. 5, n. 1, 2017. [<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

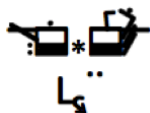
O SIGNO EM BAKHTIN E O CÍRCULO

Márcia de Moura GONÇALVES-PENNA¹
<mmgpenna@gmail.com>

Para desenvolver o fio do meu pensamento sobre o signo achei por bem fazer uma varredura no material semiótico que constitui a minha consciência. De sinapse em sinapse travei um diálogo entre os processos cognitivos que assimilei de livros e dos tantos discursos dos outros que em algum momento povoaram meu universo vivencial e tomaram nova forma ao se engendrarem com os processos já existentes em minha consciência.

Então comecei a pensar nas nossas origens, aquelas que remontam a um período em que os seres humanos começaram a criar sentidos ideológicos a partir de corpos físicos, da realidade natural e social e os

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, UFMT e membro dos Grupos de Pesquisa REBAK e REBAK Sentidos, CNPq/CAPES.





tornaram produtos ideológicos. Esse período certamente durou milhares de anos e continua durando até hoje, pois ocorre na vida social. Nesse fio do pensamento nem sei se dá pra começar do começo, já que para Bakhtin não existe palavra adâmica... ih ih ih, agora compliquei.

Quero pensar no ser humano e na pedra. Nós os humanos começávamos a viver em comunidades nômades. A pedra, por outro lado, estava lá no ambiente físico desempenhando sua função natural de ser pedra... aquela pedra grande onde o indivíduo subia olhando do alto alguma possível presa ou, também, aquela em que ele tropeçava, caso não a visse, ao sair correndo em disparada. Pois bem, em algum momento nessa história do período primitivo da humanidade o indivíduo passou a usar a pedra como instrumento, seja para caçar seja para produzir fogo. Foi assim que a pedra existente na natureza passou a ter um novo sentido existencial, se é que podemos dizer assim porque em sua essência ela continuou a ser pedra. Vou explicar melhor. Esse novo sentido foi construído entre os indivíduos da mesma comunidade que passaram a manipulá-la, lapidá-la e usá-la para sua sobrevivência. Provavelmente, entre os membros do grupo, o caçador de maior prestígio devia ser aquele que a usava com mestria na caçada.

Foi talvez nessa mesma época que os indivíduos nomearam esse objeto do mundo exterior como *pedra*. Esse nome é uma forma linguística, uma *palavra*, que além de refletir sua realidade material que possui um significado, também reflete e refrata outra realidade cujos sentidos ultrapassam suas particularidades (BAKHTIN, [1929], p.32). Quando pensasse em uma pedra, o caçador certamente se recordaria daquela boa para acertar sua presa, com peso, formato e tamanho específicos para ele. Outro membro pensaria na pedra de textura ideal para fazer fogo, outro logo pensaria na pedra que escondeu atrás da árvore porque ela era boa para acertar a manga do alto do pé... esse aí tenho certeza foi nosso ancestral daqui mesmo da nossa terra brasilis em que plantando tudo se dá.

É por isso que *pedra* é um signo ideológico. Não o objeto em si mesmo, mas o que ele significa e os sentidos que ele adquire entre os indivíduos nas suas interações sociais. Essa encarnação do corpo físico da natureza se faz por essa materialidade linguística, a *palavra*, o signo ideológico por





excelência. Segundo Bakhtin (ibid., p.33), todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer por ser um fenômeno do mundo exterior.

Mas, então, todo objeto ou grupos de objetos do mundo tornam-se elementos da comunicação por signos? Bakhtin (ibid., p.45) nos esclarece que o arbítrio do signo entre os indivíduos no meio social adquire uma significação interindividual e que só entra no domínio da ideologia, toma forma e aí deita raízes aquilo que adquiriu um valor social. Pois bem, os signos são criados pelos indivíduos e constituem o meio organizado de comunicação entre eles, pois formam um sistema de signos. Além disso, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela.

Opa, pera aí, agora tem uma pedra no meio do meu caminho. Qual a relação entre o signo ideológico exterior com o indivíduo? É que o signo ideológico é criado na vida social, no terreno da intersubjetividade. Desde a nossa mais tenra infância nas interações com outros indivíduos, vamos formando nossa consciência individual com esse “alimento”, com essa matéria semiótica, de modo que para Bakhtin, nossa consciência é verbalmente constituída (por signos). A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdos ideológicos (semióticos) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social (ibid., p.34).

Pois bem, a pedra angular do edifício teórico da filosofia do signo ideológico (id., p.38) ou da filosofia da linguagem, é que tudo que é ideológico é signo. Que o domínio da ideologia e o domínio dos signos são mutuamente correspondentes. O Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe), (2009, p.93) explica que para o Círculo, os signos comportam em si índices de valores que espelham e constituem os sujeitos que os utilizam e a realidade social por onde circulam.

Nesse contexto, certamente que o signo ideológico *pedra* tem tido ao longo da história social dos povos índices de valores diferentes. Isso porque, realizando-se no processo de relação social, todo signo e, portanto também todo signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado tomando ali um valor particular. (Me lembrei





agora do filme do Indiana Jones em que num duelo em um país árabe, enquanto o árabe foi montando um show com uma espada enorme, se achando o tal, o Indiana pegou uma arma de fogo e, fazendo pouco caso, atirou no árabe com um revólver...foi muito engraçado, é claro que para minha geração daqui do mundo ocidental...). Ummm, será por que me lembrei disso agora? Deve ser coisa do diálogo interior...

Puxa, acho que estou partindo pedra aqui. Tarefa difícil explicar o universo da linguagem tendo o signo como ponte entre a língua sistêmica e a realidade socio-histórica, articulados pela ideologia (GEGe,2009, p.93). Gosto de compreender com Bakhtin que uma parte do signo é material, a outra é histórica e social e uma parte é meu ponto de vista. Tudo de bom ser sujeito social. Me refletir e me refratar no signo. Participar ativamente na transformação ideológica no tempo e no espaço em que vivo. Tudo de bom ser pedra que rola na corrente do mar da vida.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, SP: Ed. Hucitec, 2004.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). **Palavras e contrapalavras**: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João editores, 2009.

